

## Impressões do crepúsculo

Pauis de roçarem ânsias pela minh'alma em ouro...  
Dobre longínquo de Outros Sinos... Empalidece o louro  
Trigo na cinza do poente... Corre um frio carnal por minh'alma...  
Tão sempre a mesma, a Hora!... Balouçar de cimos de palma!...  
Silêncio que as folhas fitam em nós... Outono delgado  
Dum canto de vaga ave... Azul esquecido em estagnado...  
Oh que mudo grito de ânsia põe garras na Hora!  
Que pasmo de mim anseia por outra coisa que o que chora!  
Estendo as mãos para além, mas ao estendê-las já vejo  
Que não é aquilo que quero aquilo que desejo...  
Címbalos de Imperfeição... Ó tão antiguidade  
A Hora expulsa de si-Tempo! Onda de recuo que invade  
O meu abandonar-me a mim próprio até desfalecer,  
E recordar tanto o Eu presente que me sinto esquecer!...  
Fluido de auréola, transparente de Foi, oco de ter-se...  
O Mistério sabe-me a eu ser outro... Luar sobre o não-conter-se...  
A sentinela é hirta – A lança que finca no chão  
É mais alta do que ela... Para que é tudo isto... Dia chão...  
Trepadeiras de despropósito lambendo de Hora os Aléns...  
Horizontes fechando os olhos ao espaço em que são elos de erro...  
Fanfarras de ópios de silêncios futuros... Longes trens...  
Portões vistos longe... Através de árvores... Tão de ferro!  
(A Renascença, 29/03/1913)

---

(1) - O estilo paúlco define-se pela voluntária confusão do subjectivo e do objectivo, pela «associação de ideias desconexas», pelas frases nominais, exclamativas, pelas aberrações da sintaxe («transparente de Foi, oco de ter-se»), pelo vocabulário expressivo do tédio, do vazio da alma, do anseio de outra coisa», um vago «além» («ouro», «azul», «Mistério»), pelo uso de maiúsculas que traduzem a profundidade espiritual de certas palavras («Outros Sinos», «Horas»). *Dicionário da Literatura*.  
Pauis é um texto-programa (1913) das inovações que Fernando Pessoa queria introduzir na poesia portuguesa.

## Fernando Pessoa: Impressões do crepúsculo

**Pauis de roçarem ânsias pela minh'alma em ouro...  
Dobre longínquo de Outros Sinos... Empalidece o louro  
Trigo na cinza do poente... Corre um frio carnal por minh'alma...  
Tão sempre a mesma, a Hora!... Balouçar de cimos de palma!...  
Silêncio que as folhas fitam em nós... Outono delgado  
Dum canto de vaga ave... Azul esquecido em estagnado...  
Oh que mudo grito de ânsia põe garras na Hora!  
Que pasmo de mim anseia por outra coisa que o que chora!  
Estendo as mãos para além, mas ao estendê-las já vejo  
Que não é aquilo que quero aquilo que desejo...  
Címbalos de Imperfeição... Ó tão antiguidade  
A Hora expulsa de si-Tempo! Onda de recuo que invade  
O meu abandonar-me a mim próprio até desfalecer,  
E recordar tanto o Eu presente que me sinto esquecer!...  
Fluido de auréola, transparente de Foi, oco de ter-se...  
O Mistério sabe-me a eu ser outro... Luar sobre o não-conter-se...  
A sentinela é hirta – A lança que finca no chão  
É mais alta do que ela... Para que é tudo isto... Dia chão...  
Trepadeiras de despropósito lambendo de Hora os Aléns...  
Horizontes fechando os olhos ao espaço em que são elos de erro...  
Fanfarras de ópios de silêncios futuros... Longes trens...  
Portões vistos longe... Através de árvores... Tão de ferro!  
(A Renascença, 29/03/1913)**

---

(1) - O estilo paúlico define-se pela voluntária confusão do subjectivo e do objectivo, pela «associação de ideias desconexas», pelas frases nominais, exclamativas, pelas aberrações da sintaxe («transparente de Foi, oco de ter-se»), pelo vocabulário expressivo do tédio, do vazio da alma, do anseio de outra coisa», um vago «além» («ouro», «azul», «Mistério»), pelo uso de maiúsculas que traduzem a profundidade espiritual de certas palavras («Outros Sinos», «Horas»). *Dicionário da Literatura*.  
Pauis é um texto-programa (1913) das inovações que Fernando Pessoa queria introduzir na poesia portuguesa.